DISCURSOS

Proferidos na sessão funebre realizada. conjuntamente, pelo Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras, em homenagem ao dr. José Sombra.

DISCURSO DO DR. LEONARDO MOTA

Sr. Presidente,
Meus queridos colegas do "Instituto do Ceará,
Caros confrades da "Academia Cearense de Letras",
Senhores e Senhoras.

Pela terceira vez, nestes derradeiros trinta dias, levanto a minha voz, em louvor de JOSE' SOMBRA. Busco exprimir a saudade pelo companheiro que, faz um mês, perdemos; tento descrever o nosso horror ante a desgraça em que ele pereceu; procuro glorificá-lo no culto dos que lhe sobrevivem. Tres instantes dolorosos e de humilhação para o meu espirito que se atribúla, consciente do desvalor de minha palavra...

Senhores, só os meus sentimentos de conformidade com a Vontade Divina evitaram que, naquela aziaga manhã de 21 de abril, eu rebentasse em imprecações inutis contra a injustiça do triste fim de JOSE' SOMBRA. Escapou-se-me dos labios a palavra "injustiça"... Que Deus m'a perdôe, mas a minha pobre razão não pode compreender como Deus, tão misericordioso, consentiu que epilogasse tão tragicamente seus dias quem vivia com uma pudicicia verdadeiramente angelical.

A JOSE' SOMBRA, que era a alma quiçá mais delicada que deliciava os nossos circulos intelectuais com as ternuras de uma gentileza imutavel e perene; a ele a Morte nos arrebatou, mas como? — numa conjuração perversa, numa surpreza estarrecente, e com uma crueldade arrepiante: arrastando-o, como a um trapo, entre os destroços de um veículo e através das lages duras dum calçamento, despedaçando-lhe o corpo debil, arrebentando aquele craneo onde só se aninhavam pensamentos augustos e austeros, contundindo aquele peito onde só se abrigavam sentimentos generosos.

O acidente horroroso em que JOSE' SOMBRA sucumbiu foi, a custo, acreditado. E, quando a certeza horrivel se impôs, a cidade inteira se afligiu, a imensa desventura a todos desolou, não houve lar onde uma palavra de amargura se não ouvisse, não houve coração que se não enternecesse, não houve fisionomia que não désse mostras de espanto, abatimento e compunção. Raras vezes uma vida se há apagado em nossa terra, assim tão eloquentemente ungida pela unanimidade da magua coletiva.

E por que, Senhores, por qual motivo dôr tamanha não pertencia a um lar somente, mas a toda a Familia Cearense, fraternizada na mesma angustia? por que a apoteóse daqueles funerais, na manhã imediata? por que a infancia dos educandarios e a juventude das Escolas Superiores tangendo, a braços, aquela carrêta onde não jazia o corpo dum dominador politico, dum desses **"grandes homens eventuais"**, improvisados pela cegueira e pelo capricho do partidismo? por que o povo saiu para as ruas, descobrindo-se reverente, de olhos molhados e estrangulando soluços, ante o féretro que passava, a caminho da Camposanto?

Ah!, era que naquele momento de fundo abalo na alma de nossa gente, a sociedade cearense, chorando diante dum ataúde e cobrindo de flores um jazigo, lavrava mudo protesto contra a inexorabilidade do Destino para com quem embelezava a nossa vida social e honrava a nossa cultura literaria. Antonio Sales escreveu lindamente: — **"Existencias belas como a de JOSE' SOMBRA, ainda no momento em que se extinguem, prestam serviço á comunidade, avivando-lhe a sensibilidade, despertando-lhe o sentimento da admiração e fazendo-lhe sentir o valor dos nobres conciencias e das inteligencias superiores".**

As suas vitorias, o seu prestigio, nada disso deveu JOSE' SOMBRA ás solercias do cabotinismo, nem ás capoeiragens da maldade. Singelo e sem asperezas, ele engrandeceu-se serenamente, abroquelado no seu sonho e acastelado na disciplina do seu ideal, sem forçar passagens, tendo sempre nos labios uma palavra de meiguice para os que distinguia com a sua estima e um sorriso de perdão para os que se irritavam com a incorruptivel mansuetude do seu placido viver, sem odios e sem urros.

Atentai na singularidade: sociavel ao extremo, pertencia ao elenco diretor do "Club dos Diarios", mas... não dansava... nem tinha filhas casadoiras... E não vos esqueçais de que esse indiferente á dansa, o mais corriqueiro dos divertimentos mundanos, era um gentil-homem perfeito que se criára em salões nobres e festivos — neto, sobrinho e filho adotivo de um Visconde e dois Barões.

Ele foi um evangelizador da Bondade, um doutrinador da Beleza: foi, consequentemente, um Civilizador. Certifique-

mo-nos disso e meditemos sobre a lição que foi essa vida, tão docemente vivida e tão estupidamente interceptada.

JOSE' SOMBRA faleceu precisamente no dia em que completava quarenta e nove annos e um mês, pois que viera á vida em 21 de março de 1883. Nasceu em Viena d'Austria. Seu pai, recentemente doutorado em Medicina e consorciado, empreendêra, com a esposa, uma viagm aos centros cientificos europeus, o que explica o nascimento do filho numa capital do Velho Mundo.

Orfão de pai aos cinco anos incompletos, teve a lhe guiar a meninice o eminente Dr. Barão de Studart, com quem sua genitora se casára, depois de um ano de viuvez. Aos quinze anos, JOSE' SOMBRA era orfão de pai e mãi. Evoco esses fatos para que ressalte o muito que a formação da sua fisionomia moral deveu ao espirito luminoso e bonissimo de seu padrasto, o inclito Presidente do "Instituto do Ceará". Isso que ora digo chãmente, Jorge de Sousa disse com brilhatismo quando clamou no extremo adeus a JOSE' SOMBRA: — **"Para a sua austeridade de vida e de costumes, só poderia ter servido de decalque aqueloutra dos varões de Plutarco. E' que os rudimentos basicos da formação do espirito e do caráter, ele os recebeu e soube aprimorá-los, ao influxo benefico dessa pedagogia inegualavel na eficacia dos preceitos: a que vem do berço, das tradições patronimicas, do exemplo e ensinamentos da Familia — fertil manancial de estimulo avigorante para o cultivo do sentimento e da razão".**

A juventude de JOSE' SOMBRA decorreu tranquilamente, em meio aos estudos liceistas. Cedo, nele repontou a paixão das belas letras. Foi um dos fundadores da sociedade "Iracema Literaria" e um dos colaboradores da revista "Praça do Ferreira". Promissora era a geração que espontava e em cujo seio rutilavam inteligencias vivazes como as de Godofredo Maciel, Odorico de Morais, Bruno Barbosa e Ferreira dos Santos.

A principio, o vernaculista Torres Portugal, professor do Liceu, previu e predisse o esplendor do futuro de JOSE' SOMBRA em materia linguistica, talqualmente, mais tarde, outro mestre — Farias Brito —, lente de Historia Universal, teria de se impressionar com a vocação do pequenino discipulo para as cogitações filosoficas.

Estudante rico, JOSE' SOMBRA poude ser um animador do brilho da vida espiritual entre os jovens de seu tempo. Ele doou á bibliotéca da "Iracema Literaria" grande parte dos seus livros. Varios dos quadros que hoje ilustram as paredes da "Fenix Caixeiral" foram oferecidos por JOSE' SOMBRA á galeria de retratos de escritores notaveis que a "Iracema" ostentava em sua séde. De tais fotografias tiveram inauguração solene as de Alencar, Barbosa de Freitas e Adolfo Caminha.

E' pena que haja o tempo destruido os sinais da atuação da "Iracema", arena inicial em que espanejou as azas o espirito radioso do nosso homenageado desta noite. Dias antes de morrer, parece que tocado pelo pressentimento de seu proximo traspasse, JOSE' SOMBRA apelava para Odorico de Morais no sentido de este resuscitar da poeira dos arquivos os documentos relativos á vida efémera e longinqua do primeiro cenaculo de letras a que ambos pertenceram. Ao me fazer tal confidencia, Odorico de Morais esteve a me lembrar, comovido, episodios da meninice descuidosa de JOSE' SOMBRA:

—**"Não imaginas como o JOSE' era um bom! Em 1897 (lá se foram trinta e cinco anos... como a gente envelhece depressa!), em 97, o JOSE' saiu, uma noite, de casa, para assistir a uma quermesse que se realizava no "Colegio da Imaculada Conceição". Levava no bolso cinco mil réis que o Barão de Studart lhe havia dado** — um dinheirão, naquele tempo... **Ao chegar ao "Colegio", começou a adquirir objetos com que presenteava as orfãs desvalidas. Mas, como era conhecido das encarregadas da quermesse, ninguem lhe ia exigindo o pagamento imediato das prendas que comprava. Resultado: os cinco mil réis voaram do bolso do JOSE' nesta mesma noite, e, na manhã seguinte, o Barão tinha de pagar uma despeza de dezenas de mil réis que o enteado fizera, para a alegria das creanças pobres"...**

—**"Doutra feita** — proseguiu Odorico de Morais — **parece-me que isso ocorreu em 99, o Barão promoveu um leilão no "Passeio Publico", em beneficio dos enfermos da "Santa Casa". Foi um acontecimento! Basta dizer que o leiloeiro jocoso era o Quintino Cunha... Havia uns premios valiosos, mediante sorteio. As duas sortes maiores couberam ao nosso pessoal da "Iracema". Pois bem: por iniciativa do JOSE' em favor dos necessitados, todos abrimos mão daquilo que nos tocava".**

Era assim bondoso, já na primeira idade, quem jamais deixou de o ser em quasi meio seculo de transição pela vida terrena. Sobrou razão a Djacir Menezes quando grafou que, vendo passar o esquife de JOSE' SOMBRA, tivera vontade de repetir o que Eça de Queiroz disséra de Antero de Quental: — **"Ele era um genio e era um santo!"**

O tirocinio academico propiciou vôos mais largos para o talento de JOSE' SOMBRA, em plena fulguração. Entre os seus triunfos quando estudante de Direito, sobresái o discurso que, como representante da classe, proferiu em 1905, por ocasião da festa anua, comemorativa da fundação dos cursos juridicos no Brasil.

Bacharel em 1906, não ingressou na advocacia militante nem na magistratura. A' sua sensibilidade artistica repugnava o trato prosaico das praxistas forenses, o lidar desgracioso com

as bolorentas formulas tabeliôas. Perdurava nele o gosto pela literatura, pelo magisterio, pelo jornalismo e pelos estudos filosoficos. Frequentou a tribuna das conferencias e deu-nos lapidares paginas, em admiraveis **palestras**, como **"A falencia da moral leiga"**, recitada no "Circulo Catolico", **"José Albano"**, dita nos "Serões Literarios da Casa de Juvenal Galeno", **"Contra o Alcoolismo"**, lida na "Associação dos Mercceiros" e **"O Feminismo"**, realizada no "Clube dos Diarios". Muitas outras eruditas alocuções pronunciou ainda, a paraninfar diplomandos dos nossos estabelecimentos de ensino.

Do que JOSE' SOMBRA valia como tribuno todos guardamos vívida lembrança. Quando ele se erguia, a assistencia toda ficava presa aos efluvios e magia de seu verbo colorido e sedutor. Sobrio nos gestos, a frase lhe irrompia agil, sonora e tersa, enleiando os ouvintes na trama das louçanias dum estilo faceto.

Quando o "Instituto do Ceará" entendeu de magnanimamente premiar minhas despretenciosas pesquizas sobre o folclore nordestino, coube a JOSE' SOMBRA a dificil tarefa de justificar peraute seus consocios minha admissão naquele sodalicio de mestres. O seu discurso, com os imprevistos duma generosa analise dos meus esforços ao serviço da literatura regionalista, foi um hino ao sertão esquecido e ao sertanejo caluniado. E não seja esquecido: inesperadamente designado para me dar as boas vindas em nome do "Instituto", era um improviso a cintilante oração do meu querido amigo...

JOSE' SOMBRA foi, inquestionavelmente, um orador de predicamentos invulgares.

Andrade Furtado, no sentido necrologio que traçou do mesmo, depôs que **"ele era um orador fascinante, apesar do seu temperamento timido, que se modificava por encanto na tribuna, afirmando-se energicamente uma organização dotada de grande força de convencimento".**

Paraninfando as professorandas de 1924, JOSE' SOMBRA tinha apostrofres como esta, ousada para aqueles ominosos tempos da "Patria Velha": — **"A politica é, no Brasil, a triste ceifeira dos máus destinos. Bastaria que ela não interviesse com seus interesses e paixões, com a sua ação corrutora no dominio destas duas atividades — a Justiça, que é a garantia do presente, e o Ensino, que é a garantia do futuro — para que imediatamente se transformasse o cenario social do país".**

Fazendo o elogio funebre de Justiniano de Serpa, ele observava que idéas nitidas e entusiasmo constituem o segredo da eloquencia, porquanto **"não se persuade sem clareza nas idéas, não se impressiona ou domina uma assembléa sem entusiasmo".**

Desdenhava o fraseado campanudo e ôco. Não se cansava de afirmar que **"a literatura brasileira é uma literatura**

de poetas. Nela dificilmente se encontra este nobre tipo intelectual que é o pensador. O brasileiro é amigo do idealismo vago, é apaixonado da cultura verbal e de artifícios de retórica. Foge das questões concretas e, fascinado pelo diletantismo, tem horror ao esforço demorado e contínuo".

A imprensa seduziu JOSE' SOMBRA, como disse, mas a grosseiria, a brutalidade dos processos jornalisticos de há um vintenio determinou que fosse rapida a sua passagem pelo periodismo estadual. Enojou-o a pasquinice em voga. Substituto de Soriano de Albuquerque na direção do "Diario do Estado", não se aguentou siquer um mês no posto, e, menos de noventa dias depois, seu sucessor era assassinado, sangrado na carótida...

Com a brandura e mansidão de seu temperamento, com a sua devoção pelas boas maneiras, não era homem talhado para as capadoçagens da palavra escrita, jamais se apareceraria com os desgrenhados cangaceiras da pena. Daí a sua inadaptação ás polemicas da época, o seu alheiamento aos debates da politicagem. Talento aristocratico, floreteava a ironia com a elegancia dum autentico cerebral. Era fidalgamente, com punhos de renda e não de mangas arregaçadas, que ele esgrimia a controversia.

Foi uma lastima que estivesse degradado o jornalismo, quando JOSE' SOMBRA surgiu para a vida publica. A consequencia disso foi que, lembrado das primeiras decepções, ele jamais voltou á imprensa, muito embora a cordialidade tivesse sobrevindo ás mentes desvairadas pelos rancores das competições estereis. Viu-se, destarte, o Ceará privado das luzes do insigne conterraneo no guiamento da opinião popular. Mas ele possuia, como assinalou José Lino, ele possuia aquilo a que Taine chamava **"o respeito á dignidade humana e a higiene do talento".**

Ao desencantamento de JOSE' SOMBRA pela publicidade devemos a exiguidade de seus trabalhos, que publicou em edições reduzidas. Houvesse, entretanto, vivido no Rio de Janeiro, a sua atividade se teria estimulado, a predileção de Farias Brito por Jaeson de Figueiredo teria sido com ele repartida, e seu nome lograria projeção nacional.

Modesto em demasia, emprestava pouco apreço ás suas produções intelectivas. Tive disso a prova palpavel, lendo ultimamente os seus escritos, por mercê de nimia bondade de sua Exma. Familia. Nenhum artigo colado em miscelanea, tudo solto desordenadamente entre as paginas dum album. Vendo isso, veiu-me á lembrança o dito sarcastico de Capistrano de Abreu a um amigo que lhe pedia reunisse em volume os magistrais artigos que então publicava no "Jornal do Comercio". Ao receber tal apôlo, Capistrano retrucou que **"a galinha não junta ovos que vai pondo"**... Felismente, porém, para gloria

do nome de JOSE' SOMBRA, posso alviçareiramente vos anunciar que o carinho fraterno de Eliezer Studart vai brindar as letras brasileiras com uma coletanea dos seus ensaios litero-cientificos.

Uma das suas derradeiras preocupações era recompor historicamente a vida de Farias Brito no Ceará. Muitos de nós fomos por ele consultados sobre si tinhamos noticia de certa revista alemã em que eminente pensador germanico extranhava que o Brasil, possuindo um filosofo egregio, do altissimo pórte dum Farias Brito, não soubesse devidamente apreciá-lo.

Farias Brito, com o seu espiritualismo transcendente, foi o doutrinador que mais influiu no espirito de JOSE' SOMBRA.

Ao se candidatar a uma cátedra na Faculdade de Direito deste Estado, a tése de concurso apresentada por JOSE' SOMBRA versou sobre **"A idéa do Direito na filosofia de Farias Brito"**. São conceitos dele sobre o Mestre: — **"Contemplativo á maneira de Jouffroy, vivendo mergulhado no seu proprio eu, de genio melancolico, mas de uma melancolia viril, melancolia que não é enfermidade de espirito, mas reveladora de meditação profunda, Farias Brito parecia pensar como Amiel, o delicado moralista suisso: — "A ação nos limita, a contemplação nos dilata, a vontade nos localiza e o pensamento nos universaliza. Ele tinha a paixão da verdade, a sêde do infinito. Diante do espetaculo do mundo, seu espirito não podia permanecer quieto, agitava-se insaciavel, procurando, por intuição, adivinhar a sutil essencia de fenomenalidade universal, e se esforçando por fazer ressaltar a luz do fundo tenebroso do incognoscivel"**.

Quantas vezes, meus Senhores, quantas vezes eu ouvi JOSE' SOMBRA estigmatizar os postulados do materialismo corrosivo e da chamada **"filosofia do desespêro"**! Ao ferir de frente as doutrinações de Haeckel ou de Spencer, ele todo se inflamava em periodos candentes, reticenciando-os com silencios iterativos, durante os quais, todavia, dava a impressão de balbuciar a frase pungente do idealista argentino: — **"Mis ojos son los de un hombre que ha aprendido como el vivir és un dolor"**...

Pode-se, efetivamente, dizer que em JOSE' SOMBRA **"um superior idealismo cristão se juntava á mais invencivel melancolia, mas a sua tristeza não era amarga nem cruel: era uma fonte cristalina de ternura e de amor"**. Ele proprio, ao descrever a visita que, em 1912, fizera a Guerra Junqueiro na Europa, confessou que, áquele tempo, tinha o espirito atormentado por triste pessimismo. **"Eu era um schopenhaueriano convencido"** — revelou. **"Para mim valia como uma sentença inapelavel a frase do mestre de Veimar: "Nosso mundo é o peior dos mundos possiveis; o otimismo é uma aberração inventada pelos professores de filosofia". A leitura de escritores**

desabusados como Stendhal, Nietzsche, Montaigne e Anatole, constituia o meu alimento espiritual". Até nisso, aliás, JOSE' SOMBRA patenteia afinidades com Farias Brito. Este, tambem, na sua juventude, foi influenciado por Schopenhauer. Apreciando a tése de concurso de JOSE' SOMBRA, Jacson de Figueiredo sentenciou: — **"JOSE' SOMBRA sabe ver quanto Schopenhauer impressionou a mocidade de Farias Brito, mas soube tambem mostrar, com dureza, que, apesar disso, os dois filosofos chegaram a conclusões opostas, radicalmente opostas".**

Sociologo equilibrado, vêde como JOSE' SOMBRA encarava panoramicamente o problema da nacionalidade::

"Emquanto não estiverem bem definidas as nossas caracteristicas historicas, o valor e a influencia das nossas condições geograficas, das nossas peculiaridades economicas, da nossa composição demografica; emquanto não forem bem elucidados esses assuntos, será baldado falar em sociologia brasileira. Compreende-se a unidade politica e moral, apesar da heterogeneidade das raças que o povôam, num país como a Russia, em que a igualdade geografica da estépe infinda e monotona como que funde numa só alma as variedades étnicas; ainda se explica na Argentina, que é hoje uma grande nação imigrantista, porque lá o pampa imenso e fertilissimo harmoniza num mesmo interesse, uniformiza num mesmo sentimento as raças vindas de toda a parte do mundo, absorvidas e homogeneizadas pelo espirito novo que parece rebentar da terra fecunda, num destino de fartura e de beleza. Mas, no Brasil, a desigualdade das raças é mantida e aumentada pela variedade das condições geograficas e favorecida ainda pela inconsciencia administrativa. Insulam-se alemães em Santa Catarina, concentram-se polacos no Paraná, italianos em São Paulo, portuguezes no Rio de Janeiro. O nordeste é o grande laboratorio dos nossos mestiços, onde estão indenes, por emquanto, de novas transfusões de sangue estrangeiro. As desigualdades de população criam as dos costums, as da lingua, a dos interesses coletivos. fala-se hoje de nortistas e sulistas, como de gentes antagonicas; de paulistas, mineiros e riograndenses do sul, como de povos á parte. Nessa desordem em que tudo nos vai separando, poderia nos salvar um ideal coletivo, que não temos e que urge crear e fecundar, quanto antes, por meio de uma vasta e forte organização educativa, pois só a educação conveniente pode unir os brasileiros na sua infinita divisão de pequenos interesses".

Assim falava, Senhores, a forte e sidérea cerebração daquele a quem pertencem, nesta hora de tristeza e de saudade, as referencias de nossa alma enlutada.

JOSE' SOMBRA! Quando o desditoso jovem que foi José Nogueira se viu abatido, em 1914, por mão assassina, tú escreveste estas palavras, mal sabendo que elas hoje seriam

invocadas a teu respeito, por caberem tristemente ao teu caso: —**"Não é a Morte que é cruel — inevitavel destino humano; o que a torna estupida, odiosa e terrivel é a maneira como ela, ás vezes, vibra seus golpes, perfida e traiçoeiramente, roubando á vida energias ainda em flôr, suprimindo os bons, os fortes, os capazes, num afago de esquecimento para os máus, os fracos, os inuteis e os covardes".**

JOSE' SOMBRA! Lacrimoso e em frente ao teu caixão mortuario, Antonio Teodorico te suplicou nos consentisses a ilusão de que nos vias, acenando-te com os lenços ensopados de lagrimas. Outro é o meu pedido. Dá-nos o consolo de acreditar que estás ainda conosco... Permite-nos afirmemos que o teu espirito palpita nesta sala, onde estão reunidos os companheiros que te pranteiam... Vê: — pesa sobre teus despojos materiais a lousa dum sarcófago, mas para a tua memoria não existe tumulo! Continúas vivo no nosso afeto. Não morreste, nem morrerás na nossa recordação! Ah, si voltasses a te materializar neste instante, este auditorio fruiria a suavidade duma daquelas tuas orações formosas, todos vibrariamos ao encanto de tua palavra faceira! Emudeces ante as nossas carícias, mas o teu agradecimento resplandece nos olhos humedecidos de quantos te extremecemos. Não silenciás, porquanto, mesmo morto, ainda nos emocionas.

DEUS DE BONDADE, embora indignas de subirem ao teu Céu, acolhe as minhas ultimas palavras, articuladas numa unção de prece. Desfalcaste, SENHOR, desfalcaste o Ceará dum de seus mais rutilos valores. Resignamo-nos, SENHOR, resignamo-nos com os designios impenetraveis de teu querer e onipotencia. Si assim tão fundamente nos lanceaste, foi de certo porque reconheceste que este mundo de miserias era indigno daquela alma virginal e a quizeste na Patria dos teus eleitos.

Recebe, DEUS DE BONDADE, recebe JOSE' SOMBRA na tua eterna bemaventurança!

Discurso pronunciado pelo dr. J. J. de Pontes Vieira, em sessão de 20 de Maio de 1932, no «Club Iracema»

Eu saúdo e reverencio ás altas autoridades civis e ecclesiasticas do Estado, na pessôa do representante do Exmo. Snrs. Interventor Federal e Revdmo. Arcebispo Metropolitano.

Exmo| Sr. Barão.

Senhores e senhoras e meus caros confrades.

Quando me inclinei ao aceno fidalgo do vice-Presidente da Academia Cearense de Letras, concitando-me a proferir a apologia á memoria do morto eminente por varios titulos, mais o assenti por um impulso do coração, do que para atender a um apêlo, somente endereçavel ás inteligencias de recursos capazes de interessar este selecionado auditorio.

E eu, pobre na linguagem, mendigo de estilo, não estaria em qualquer sentido, maximé sob este aspecto, nas condições de o deferir.

A generosidade do apelante excedeu ao seu sentimento de responsabilidade, do mesmo modo, sobrepujou, no recorrido, a gratidão á noção de seu alcance mental.

Maior constrangimento para mim — muito mais intenso do que o que ora experimento por obrigar-vos a ouvir-me, — seria pelo meu feitio, parecer-me desagradecido á memoria do celso espirito que de mim não se aparta — porque o amo como paradigma moral aos anceios de perfectibilidade — e porquanto, realmente, me é credôr por uma das mais honrosas apresentações, com que me favoreceu, no curso imaterial de minha existencia. Explica-se, assim, o meu temôr instintivo e natural, como se entenderá tambem o meu arrojo desacautelado.

Bem sinto o enleio que me enerva, pela impossibilidade em fixar nos traços fugidios de um discurso, a expressiva personalidade do principe dos meios espirituais de Fortaleza; a minha pena não se refundiu na forja do metal da arte para molhar-se na tinta redoirada da estesía refinada. E, por esse motivo, honesta e probidosamente confessado, é-me escusado

exorar a vossa indulgencia, votada, agora, mais á academia do que a mim, que, apenas, cumpro um mandato expondo-me á regressão da outorgante, a quem a minha palavra vai desconfortar.

Senhores:

Se as lages de um sepulcro representassem o triste finalisar de uma existencia; se a concepção amoravel de um Deus fosse méra ficção, ao sabor do materialismo escarninho, — **"estulta negação da casualidade divina"**; se a inteligencia e a moral compuzessem, apenas, potencias coordenadôras de fátos humanos e terrenos; se a honra e o civismo, definissem, exclusivamente, valôres individuais; o homem não constituiria, como conceitúa o verbo de Deus, a sintese da creação; passaria a ser, unicamente, a fórma material inexpressiva, idéa mesquinha corporificada, força inconciente do destino incerto e tateante. E se o homem fosse, apenas, esta energia objetiva, a humanidade que o assiste no seu Tabôr para a eternidade, não se prostaria diante do inanimado, não genufleteria á face de um corpo sem vida, nem curvar-se-ia á passagem de um ataúde, em reverencia á pessôa extinta, projétada na historia para a consagração de um ideal humanisado.

Na sintese da creação entalha-se tambem o principio que redime, e a crença purificadora da imortalidade, — mobil inspirador de nossas postumas homenagens.

E' que o homem quando se espiritualisa, arrasta na sua sombra o reflexo de um clarão — que é o luzeiro flamejante da Historia, — e por isso, o glorificam as gerações succedaneas, sorvendo-lhe em haustos impressivos os fecundos e sublimados ensinamentos.

E, emquanto desce a materia afundada no abismo sepulcral, ás trevas soturnas para o irrevogavel processo da decomposição organica, eleva-se, **atraída pelo magnetismo da luz**, a porção imponderavel do ser, ás celsas regiões, afim de irmanar-se aos numes tutelares que desempenham a outorga da divindade, apontando o caminho da virtude aos ainda desta vida não partidos, cumprindo na terra as penas imunisantes.

Distinguimos a humanidade numa tricotomia de tipos caracteristicos.

Homens existem que não conseguem transpôr os limites balisados pela propria materia; estadeiam enjaulados na sua fórma corporea, não representando mais que um ser geometrico, ocupando logar no espaço, desenvolvendo as suas faculdades, apenas, condicionados ás leis da mecanica e da fisica.

E' a essencia inexplorada, avarenta real de sua capacidade, conciencia fechada ás forças do entendimento, presa do destino que lhes reserva o ambiente cosmico. São criaturas em plena infancia da vida, verdes florescencias do heroismo

ou da delinquencia, energias avassaladas ao crime ou ás virtudes excelsas, conforme o lastro de sua individualidade estratificada.

A civilisação não lhes penetra o animo, nem lhes afaga o cerebro a espiritualidade de uma idéa.

Outros despertam, e aos poucos se desprendem do casúlo idéal que os contêm, voêjam, libertam o pensamento, estudam, propagam, doutrinam e apostolisam figuram ás vêses de sublimados ideólogicos, iludem, imitam, convencem e até fazem proselitos. São grandes mentalidades, ás vezes fortes cerebrações, arraigados sempre, porém ás contingencias da materia; raiz do pensamento aprofundada no sub-solo das paixões incoercivois; e porque incompleta capacidade para a bravura moral, não se desprendem do interesse, não se libertam das tentações do egoismo.

Gosam os efeitos das forças fisiológicas, e **amam**, como certos apóstolos, a **volúpia do pecado**...

Vezes sem conta, embuçados, mergulham no atascadeiro social, e emergem á outra margem, transfigurados, envergando roupagens diversas, e inculcando prendas ilusorias á tolerante humanidade.

Exploradôr e oportunista observador, ora dinámico condescendendo com os instintos naturais, ora idealista para firmar-se no credito dos similares, ou afirmar-se na posição lisongeira dos dominadores felicitados. Evangelisadores de profissão enxameiam por toda parte, urdindo em todas as linguas e dialétos.

Caracterisa-os a simulação em maxima ou pequena dosagem, conforme as conveniencias a que se atêm.

Destes, da segunda categoria, topam-se em todas as camadas sociais. Constituem a grande maioria do Universo, numa percentagem maxima imaginavel, no quanto comportem os numeros em equação.

São legiões nas ciencias, nas artes, nas letras, nas armas, nas religiões, nos apostolados, e nos centros da mais elevada cultura.

Podem ser oradores formidaveis como Mirabeau ou José Estevam; politicos como Mussolini, agitadores como Robespierre ou Marat, guerreiros como João Sobieski, o libertador legionario da Civica Viena, ou mesmo bandidos como Al Caponi; exprimam notabilidades em qualquer naipe, serão, sempre, expressões que se não esculpem pela renuncia ás honrarias que escravisam. Assim sendo, não deparamos nessa imensa e infindavel planicie, o nome imáculo que, neste momento nos enche a alma.

Subamos ao adro dos que constituem a terceira categoria; penetremos no limbo onde vagueiam as florações destes seres excepcionais. Primeiros na escala do aperfeiçoamento, derradeiros na ordem numerica. Avisinham-se da divindade por-

que atingiram á ultima etapa na terra. Espiritualisados.

Simbolisa o meigo Jesus crucificado os anceios de um ideal inatingivel.

Essencia evolada da materia. Oléute ánimo do mundo transfugido.

E' aqui o campo dos verdadeiros apostolos, exemplos de abnegação e de renuncia. Divisemos S. Francisco de Assis, — o asceta—, Abelardo — o romantico—, Thomaz de Aquino, — o filosofo—, S. Vicente de Paula, — o caridoso—, Pio IX, —o altruista—, e raros especimes de escol na hora contemporanea. No Brasil vem a mente o nome de Teixeira Mendes.

Todos, é bem de ver, a seu modo; uns preocupados com a perfeição, como o ultimo, outros votados ao sacrificio corporal pelo bem da comunidade.

Certos desta galeria o empolgam as forças morais, e é neste cenario que se nos depara o nome de JOSE' SOMBRA, imaterialisado por virtudes expontaneas, nobre em todos os momentos de sua existencia.

Honra, dignidade, altivez serena, saber, probidade, emfim conjunto galhardo de virtudes inexcediveis.

Desprendido e amoravel, cultôr da fina cortezia, esposo amantissimo, filho generoso, irmão e amigo lealissimo, cumpridor intimorato de todos os deveres, mesmo os mais elementares, de homem e de cidadão.

Não o fizeram assim as forças de uma preoccupação egoistica, nem o prorido vaidoso de perfectibilidade. Nasceu predestinado, sentindo o asco dos pantanos, aládo aos páramos refulgentes, da luz e das essencias.

A dóse de hipocrisía que assoberba a onda humana, não se partilhou consigo, porque jamais deixou de cultivar as forças invenciveis dos fenómenos imponderaveis que são a verdade e a justiça. Di-lo-á quem o conheceu nas minucias, quem lhe devassou o fôro intimo, quem penetrou no seu coração aberto, leal e generoso.

No seu olhar profundo, mistico de cético e sonhador, entremeiava-se um mundo de cogitações, de um artista incomparavel, de uma criatura que concebe a vida através de um prisma de pura imaterialidade. Não o preocupavam as contendas, sinão para lamentar os efeitos maleficos á coletividade. Do fenomeno brasileiro a que se dá o nome de politica — meneio de transações — bem cêdo soube disjungir-se, aterrado com a manobra inferior das competições, da qual sempre sáem agravadas a honra e a dignidade dos contendores.

Percebeu, para éla, a negação absoluta do seu temperamento, e, não obstante, o empolgavam com entusiasmo os gestos, ás vezes insinceros ou quixotescos, de certas figuras em relevo. E' que, a sua mentalidade, na ingenuidade de almas puras, jamais poderia tentar desvirtuar um áto impres-

sivo de independencia individual, ás veses, comedias humanas em pleno cenario da vida, tão comuns, nas quais se fazem protagonistas os personagens contrariados em seus interesses intransparentes.

Assim, um golpe de insubmissão era visto sempre pelo nosso filósofo, com ampla simpatía, embóra caísse depois na displicencia desconfortante que suga o estimulo das almas bem formadas.

E JOSE SOMBRA, sempre bondoso, justo e tolerante, mergulhava nas suas decepções sem uma ofensa a quem quer; analisava as causas etnicas ou psiquicas desses naufragios, e apelava, afinal, para a ação do tempo, ou a lição da experiencia.

Vimo-lo entusiasta do movimento renovador de Outubro, apoiando-o como um remedio heroico, unica tentativa capaz de extirpar tantos máles radicados no organismo do Brasil, patria que tanto extremecia como se nada fôra em seu regaço.

Méra circunstancia ocasional arrebatou-nos a gloria que ele no-la restituiu, jamais fazendo referencia ao incidente de 21 de março de 1883, dia em que, em Vienna D'Austria suspirou para a vida exterior, no primeiro banho de luz deste mundo de imperfeições.

O Brasil o recebeu na primeira infancia, voltando ele em sua mocidade ás terras onde nascêra, passeando o seu espirito aprimorado por quase toda a Europa, melhor polindo-se nestas excursões de estudos e observações.

Homem das belas letras e tambem sociólogo por temperamento, as suas produções literarias e cientificas não só demonstram a vastidão de sua cultura acumulada sob os canones rigorosos da real metodologia, como revelam tambem o seu carater adamantino pela superioridade moral com que investigava assuntos sérios e temas empolgantes.

Bacharelado em Recife, e chegado ao Ceará numa fase impropicia á sua atividade, sonha com a Amazonia onde encontra os primeiros dissabôres, vencendo-os, porém, com o seu espirito forte e altivo, embóra o abalo profundo que suportára sua natureza delicada.

Retornando apresenta-se em 1914, numa época de agitação partidaria na vida administrativa cearense, e ingressa no jornalismo como diretor de um dos orgãos em luta — no qual colaborou, apenas, tempo suficiente para assegurar-se o dominio de todos os segredos da arte requintada — sumula de principios enganosos, que é a Politica, e dela fugir, não com a assombração e o espavento dos espiritos que se surpreendem, pudicamente, ás primeiras revelações das mazélas humanas, mas com o garbo e a elegancia dos concientes devassadores dos segredos da psicologia coletiva.

Ei-lo empós, na catedra de literatura do Liceu, e mais

tarde na de Filosofia e Sociologia, pervagando acidentalmente na de Historia, disciplinas em que se revelou o mais arguto dos preceptores, sempre rebuscando nos fenomenos morais a relação de causas e efeitos, interessando os alunos com suavidade e habilmente, preparando-lhes sadia mentalidade para as altas cogitações das ciencias abstratas em que repousa a felicidade comum.

Desamando a vida pratica do advogado, isto é, do homem do jús, nos recursos materiais do profissionalismo, era, entretanto, um apaixonado da doutrina, maximé nos assuntos que prendiam o Direito á Sociologia, nos quais se podia observar o verdadeiro aspecto de suas inclinações mentais.

Entre os seus notaveis discursos, neste e outros aspectos, podemos assinalar o que foi proferido em sessão comemorativa da fundação dos Cursos Juridicos no Brasil — peça indicadora de conhecimentos sistematizados do fenomeno que embaza e sustem as sociedades organisadas e definidas; outra joia de oiro finissimo, pela elegancia da fórma e estilo rebuscado, foi o discurso pronunciado em sessão solene desta Academia Cearense, creio que neste mesmo recinto, em memoria e sobre a personalidade do Dr. Justiniano de Serpa, ex-presidente do Ceará. Teve este a grande gloria de consolidar a Academia em sua segunda fase, da qual era José Sombra membro brilhantissimo.

Afóra inumeras conferencias do mais justificado interesse social, deixou-nos o nosso homenageado vasta copia de artigos esparsos em periodicos da imprensa citadina, notando-se pelo sabôr filosofico; **"A Falencia da Moral Leiga"**, **"Feminismo"**, **"A Idéa do Direito na Filosofia de Farias Brito"**, **"Pascal e a Inquietação Moderna"**, e alguns estudos de alta e conciente indagação do mundo interior.

Ainda os estudos economicos e juridicos —: **"A Politica Economica do Brasil"** — **"As Pessôas Juridicas do Direito Romano"**, excelente tése de concurso apresentada á Faculdade de Direito do Ceará.

No campo limitado da literatura indigena deixou-nos JOSE' SOMBRA um magnifico estudo sobre o nosso poeta classico José Albano, observando, noutro artigo, em conjunto, José Albano e João Ribeiro; esculpiu em trabalho excelente **"A Maior Figura da Literatura Brasileira"**; e, numa fição interessantissima deu-nos **"Uma Palestra com Guerra Junqueiro"**, sempre em linguagem garbosa, e na mais suave e melhor sonoridade de fórma.

Afirma o grande Ingenieros, e é uma verdade pacifica, que o **"homem de bem concebe um arquétipo de verdade ou de beleza, de virtude ou de justiça, e dele procura aproximar-se resistindo a mil contingencias enganosas. A vida ascen-**

dente exige uma vigilancia de todas as horas; o favor e a intriga conspiram contra a dignidade da juventude, afastando-se dos seus ideais, mediante faceis prebendas. Toda concessão na ordem moral produz invalidez, toda renuncia é um suicidio".

O SOMBRA que eu admirei e que tão arraigadamente estimei, é o tipo plasmado nesta lição de alta psicologia.

Viveu a vida de espartano, em ascenção continua, e vigilando sempre por seu nome impoluto e resistindo ás mil conspirações da maldade de faceis seduções.

Soube ele renunciar todas as honrarias, por ser naturalmente superior a todas elas. **O apetite ás honras atuais** que a muitos faz perder a dignidade, não o conheceu JOSE' SOMBRA, e nem experimentou jamais os reflexos de sua ação destruidora.

E' ainda o empolgante sociólogo argentino quem doutrina: — **"A independencia moral é o esteio da dignidade. Se o homem emprega a sua vida servindo os proprios ideais, não se rebaixa nunca"**. — e por isso, a flôr dos nosos filosofos, o mais gentil e sincero dos nossos oradores, viveu sempre altaneiro, em dorso vertical, a lhe bailar nos labios, como reflexo das almas tranquilas, o sorriso da bondade eterna.

Se **"as forças morais convergem para o sentimento do dever"**, como doutrina Ingenieros, JOSE' SOMBRA foi bem o paradigma de convergencia dessas forças, porque jamais transigiu com os principios a que são rebeldes os transviados da honra e da dignidade.

Foi uma personalidade coerente e definida, porque traçou para sua existencia uma direção retilinea, cujo ponto de partida foram os preceitos do bem, e a méta objetivada a conservação perene de seu nome que o genio da bondade acrisolou para o ritmo harmonioso de uma vida sem arestas.

Eis o nosso esforço para, descoloridamente, definir o querido e inolvidavel confrade, lídima personificação de pureza, desprendido da materia pelo determinismo impiedoso, num crudelissimo acidente, que, ha trinta dias, apenas, — que parecem ainda segundos —, nos encheu de emoção contristadora, engolfando-nos em dolente e imorredoira saudade. E o golpe que o abateu de modo tão brusco com a violencia desferida pela parca avarenta, vizando a joia que á sociedade cearense arrebatou, acisalhou tantos corações, desde o escrinio delicado de uma esposa fidelissima, metade de sua alma bipartida, — porque produto de um amor infantil que cresceu, se acrisolou e se eternisou, — até ás conchas simbolicas em que se continha o sentimento de admiração e estima de seus parentes e amigos inumeraveis.

Resta-me agora, senhores, já que colhi o meu esforço nas malhas do pensamento sincero, filho de um coração amigo

e agradecido, resta-me implorar o perdão pelo desataviado da frase, tão tosca para homenagear uma alma de eleição, ferindo embora a sua modestia inconsultil, — virtude que o emoldurava como uma grinalda de luz que o tornou inconfundivel.

Partiu é certo, o bonissimo JOSE' SOMBRA, mas o seu espirito, como em filigramas doiradas, desprende-se para renascer na alma dos que anceiam pela perfeição da especie. **Resplandecerá entre os imortais, e o clarão da purificação distender-se-á sobre sua memoria imperecivel.**

Parodiando um finalisar de incomparavel orador luso, conclamarei que, **"Deus, o Grande Deus, será clementissimo consigo, clarificando-o de qualquer macula inherente, ingenita á fragil natureza, e dando-lhe o eterno descanço nos brilhos da gloria eterna".**